



Jornal das comunidades de
Areal, Povoação, Entre Rios e
Regência com a Fundação Renova
Fevereiro e Março 2018 | Edição 2

VOZ DA FOZ



Conheça os projetos que buscam
desenvolver as comunidades da Foz.

pg.

4



Monitoramento revela a qualidade das
águas do rio Doce no período chuvoso.

pg.

6

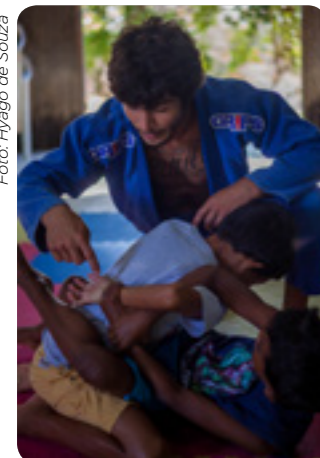


Grupos de artesãos e costureiras apostam
no trabalho coletivo para gerar renda.

pg.

12

A gente pede desculpas



Jiu-jitsu em Regência

Aulas: segunda, quarta e sexta, às 7 h e às 16 h, e às 19 h (turma noturna para adultos).
Local: Centro Ecológico.

Tem jiu-jitsu em Regência? Tem sim! Dois amantes do esporte, Lucas Bragança Gomes, faixa roxa, e Pedro Henrique Bisi Pallaoro, faixa marrom, trouxeram a luta para cerca de 50 crianças e adolescentes da vila. No tatame emprestado de um amigo, os professores ensinam meninos e meninas de 8 a 17 anos a praticar golpes, mas também a ter respeito, disciplina e seriedade. Em setembro, com pouco mais de 30 dias de treino, nove lutadores participaram de um campeonato e sete voltaram com medalhas no peito - uma de ouro, duas de prata e quatro de bronze. "Eles ficaram muito felizes e querem competir mais. Os dois que não medalharam fizeram lutas emocionantes, perceberam onde erraram e vão treinar duro por uma vitória na próxima", diz Lucas, criador do projeto. Ele afirma que o jiu-jitsu é muito importante na sua vida. "Eu criei o projeto por dívida, pois esse esporte curou minha depressão. Então quis trazer o jiu-jitsu pro lugar onde nasci e que me deu muita coisa boa. É um jeito de ajudar as crianças para que elas conquistem um futuro, se não no tatame, na vida".

deveriam ter sido mais bem explicados. E o fato de a Fundação não apoiar os projetos divulgados deveria ter maior destaque.

Ouvimos o Lucas e nos comprometemos a publicar, nesta edição, um texto também aprovado por ele para explicar sua posição. De fato, a Fundação não apoia o projeto coordenado pelo Lucas, assim como nenhum dos outros que apareceram na mesma matéria. Também é verdade que este jornal é patrocinado pela Renova, mas ele conta com a participação do Grupo de Comunicação local, que representa as comunidades da Foz e apoia a definição dos assuntos que vão ser publicados, assim como quem pode falar sobre eles. O Grupo também aprova os textos, após as pessoas que deram entrevista e a equipe da Fundação fazerem o mesmo. Isso vem ao encontro do desejo de fazer junto, de construir um veículo que tenha a cara das comunidades e lhes preste serviços relevantes.

O Voz da Foz tem o princípio de ser leal a quem sugere temas e assuntos, a quem dá entrevista e é fotografado, a quem lê os textos e quer expressar sua opinião. Com o Lucas não é diferente. Daqui pra frente, teremos cuidado com o teor do que for divulgado e vamos reforçar ainda mais, no contato com as pessoas, a finalidade e as características do jornal. Esperamos, com isso, evitar que qualquer pessoa se sinta prejudicada por sua presença no Voz da Foz. Nossas desculpas, Lucas, e obrigado por sua sinceridade.

Errata: Na última edição, os títulos das matérias Hora da Folia e Hora do Congo, na página 15, estavam trocados.

Na edição nº 1 do Voz da Foz foi divulgada uma matéria sobre os projetos independentes que estão melhorando a vida dos jovens e crianças de Regência. Nela, o Lucas Bragança Gomes falou sobre seu trabalho com o ensino de jiu-jitsu. Seu depoimento foi publicado, mas ele não gostou do que leu, embora o texto tenha sido aprovado por e-mail. Na verdade, o que aconteceu foi que, na opinião dele, o conteúdo da matéria e sua publicação num jornal patrocinado pela Renova

Fundação Renova

Expediente

Jornalista responsável:
Júnia Carvalho - Reg. 4247 - MG
Projeto Gráfico:
Coletivo É!
Reportagem:
Júnia Carvalho & Leandro Bortot
Revisão:
Tucha

Direção de arte:
Humberto Guima
Fotografia:
Hyago de Souza
Gláucia Rodrigues
Arquivos pessoais dos moradores
Apoio logístico:
Ecotur

As matérias desta edição foram sugeridas pelo grupo de comunicação, formado pelos moradores:

Andrea Aparecida Ferreira Anchieta, Carlos Sangália, Drielle Sousa Costa, Jucilene Penha da Silva, Juliana Teixeira da Silva, Julinenis Rodrigues Penha, Lucas Guilherme Coutinho, Maria das Graças Moraes, Michel Gomes Pedro, Rômulo de Barcelos Rosa.

As opiniões expressas nesse jornal, por parte de entrevistados e articulistas, não representam necessariamente a visão da Renova em relação aos temas abordados, sendo de responsabilidade de seus autores.



Economia

VERÃO NAS VILAS AGITA TURISTAS E MORADORES

Quem quer tranquilidade em meio à natureza, mas não dispensa uma programação animada para a família, encontrou em Regência e em Povoação boas opções para curtir a temporada de férias e o carnaval. O projeto Verão Foz do Rio Doce de 2018 foi preparado pelas associações comunitárias locais, com o apoio da Prefeitura de Linhares e da Fundação Renova.

O porto de Regência se transformou em palco para a música popular brasileira. Houve colônia de férias no Centro Ecológico, com oficinas de música, de fantasias, gincanas e cinema com pipoca. Nos fins de semana, atrações musicais para todos os gostos agitaram quem estava na Praça Caboclo Bernardo e, para arrematar, o trio Fubica percorreu as ruas da vila levando a multidão com energia e alegria.

Povoação também estava em festa. O evento foi preparado para divertir todo mundo, valorizando os trabalhadores e a cultura local. Moradores e turistas participaram de oficinas de violão, reciclagem e jiu-jitsu e assistiram às apresentações do Congo e da Folia de Reis. À noite houve shows de bandas e DJs da comunidade, além da Fanfarra, que arrastou o balneário no melhor clima de carnaval. Outros programas foram a soltura de filhotes de tartarugas marinhas e a campanha de limpeza de praia.

O comerciante Jacinto Renato Ceolin, proprietário do Posto Carebão, em Regência, diz que o



(1) Fubica arrasta foliões pelas ruas de Regência;
(2) Retomada do carnaval de Povoação com a Fanfarra.

movimento aumentou um pouco este ano. "Como em todo lugar, foi melhor que no ano passado, mas ainda não está bom. Durante a semana, não vem ninguém", afirma Jacinto. "Para melhorar, devemos acreditar mais no potencial da vila, organizar eventos de expressão fora de época, e, talvez, pedir o asfaltamento da estrada até Linhares. Ficou comprovado no verão que eventos fortes trazem o turismo e geram renda. Se tivermos uma programação boa na Semana Santa, por exemplo, tenho certeza que iremos impulsionar as vendas".

Palavra das associações

"Queremos reerguer a economia da comunidade. Enxergo uma melhora. Tivemos um verão e um carnaval bons, mas devemos pensar que muitos moradores, comerciantes, agricultores e pescadores não foram atendidos pela Renova e não tiveram condições para aproveitar a festa com seus familiares ou para acolher os visitantes. Temos de rever isso o mais rápido possível".

Márcia Araújo
presidente da Associação de Comércio e Empreendedores de Povoação.

"Desde outubro do ano passado, todas as associações estão unidas e envolvidas para desenvolver o turismo das vilas. Notei o retorno dos visitantes no réveillon, mas ainda sinto falta de maior divulgação das programações".

Messias Caliman
presidente da Associação Comercial de Regência.



PARTICIPAÇÃO POPULAR BENEFICIA PROJETOS DA FOZ

Quando a Renova assumiu a reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, Regência e Povoação se articulavam para retomar a vida das vilas e estimular o turismo e a economia local. Com a presença das duas comunidades, foram elaborados diferentes projetos de agricultura familiar, de infraestrutura, de esporte, de turismo e de qualificação profissional.

Em 2017, alguns projetos caminharam; outros, nem tanto. Para acelerar, a Renova apostou em um novo modelo de organização. “Fizemos a reorganização de cada projeto, clareando as responsabilidades dos gestores e das equipes técnicas”, diz Felipe Moura, da frente Socioeconômica. Outra mudança foi envolver as lideranças comunitárias e a Prefeitura de Linhares no acompanhamento das iniciativas. “Esse trabalho trouxe agilidade às decisões”, acrescenta Felipe.

Segundo o presidente da Associação de Moradores de Povoação, Jocenilson Cirilo Mendonça, as lideranças estão na linha de frente, junto das comunidades, para que os projetos aconteçam. “No começo, minha indignação foi grande, mas unimos até os inimigos para alcançar nossos direitos. Que a Renova continue o que está fazendo, mas melhore mais trazendo o asfaltamento da estrada beira-rio, em parceria com o Poder Público e outras empresas da região, e dando o auxílio-financeiro para as pessoas que ainda não receberam e estão precisando”, afirma.



Foto: Hyago de Souza

A reforma da Estação de Tratamento de Água de Regência (ETA) foi concluída para garantir o abastecimento de água tratada, com a qualidade e na quantidade de que os moradores e turistas da vila precisam. A nova ETA possui equipamentos modernos que evitam a poluição da foz do Rio Doce e do meio ambiente. Ela está operando em fase de testes e a água será distribuída para a população somente depois de avaliada e aprovada por um laboratório credenciado pelo Inmetro. Quando o abastecimento estiver garantido, os carros-pipa serão retirados aos poucos.



Foto: Jefferson Rocio

Os moradores de Povoação ganharam novo espaço de lazer na praça de eventos, ao lado da igreja católica: um parque público com balanços, playground, gangorra e outros brinquedos, inclusive com adaptação para deficientes. O projeto surgiu da necessidade de proporcionar novas possibilidades de entretenimento. Se eles gostaram? É só passar no finzinho da tarde e ver a meninada se divertindo.

Fique por dentro!

Os projetos

Conheça outros projetos que estão sendo desenvolvidos por meio da construção coletiva. Para realizá-los, a prioridade é contratar mão de obra nas próprias comunidades.



Apoio ao circuito de surfe e bodyboard



Criação de site para a divulgação da Foz do Rio Doce



Meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão)



Reativação de Hortas Comunitárias



Projeto de Aquaponia (criação de peixes e hortaliças no mesmo espaço)



Reativação e assistência aos grupos de bordadeiras e artesanato



Áreas de lazer em Povoação

E mais...

- Passarela ecológica de Regência
- Construção de área de lazer e portal de Regência, além de reforma do campo de futebol e vestiários
- Rampa de subida de barco em Regência
- Miniestação de energia limpa em Regência



QUALIDADE DA ÁGUA: OS RESULTADOS DAS CHUVAS

Foto: Hyago de Sousa



Equipe de monitoramento coleta amostras de água na foz do rio Doce uma vez por mês.

De outubro a março, as chuvas assustam as comunidades que moram perto do rio Doce. Nessa época, as águas aumentam e a correnteza remexe diferentes materiais que estão depositados nas margens e no fundo do rio, incluindo o **rejeito de Fundão**, podendo escurecer a água e afetar-lhe a qualidade.

Desde agosto de 2017, a Renova monitora a qualidade das águas e dos sedimentos no rio Doce e na zona costeira, junto com órgãos e entidades ambientais federais e estaduais. A rede de monitoramento é permanente e possui 92 pontos de coleta de amostras, dentre as quais 56 estão em rios e lagoas da Bacia do Rio Doce e 36 no litoral capixaba e baiano. As análises são feitas a partir de parâmetros determinados pela legislação ambiental do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

De Mariana a Regência, 22 estações automáticas acompanham o nível dos rios, o acumulado de chuvas e a temperatura do ar. Oito delas – uma na Foz – possuem um equipamento que verifica continuamente parâmetros de qualidade da água, que indicam se a água está turva, ácida e com o nível adequado de oxigenação. As medições são transmitidas pela internet, em tempo real, à Renova e ao Poder Público.

Uma vez por mês, são feitas coletas manuais nos 92 pontos para avaliar outros 120 parâmetros, como a presença de metais e de indicadores biológicos, sendo os coliformes fecais os mais comuns. Amostras de água são coletadas e enviadas a um laboratório credenciado pelo Inmetro, que emite um laudo em 30 dias. As informações são compartilhadas com órgãos e entidades ambientais.

É a sobra do tratamento que separa o minério de ferro das rochas. Segundo estudos realizados antes do rompimento por laboratórios credenciados, o rejeito não é tóxico, pois é composto de elementos do solo do Quadrilátero Ferrífero. O rejeito também possui água, sílica e aditivos como os que são usados em produtos de limpeza e que seguem os padrões da legislação brasileira. O rejeito é inerte, quer dizer, não se altera em contato com outras substâncias e diferentes temperaturas.

Leia mais em www.fundacaorenova.org/manejo-de-rejeitos/

Resultados no período chuvoso

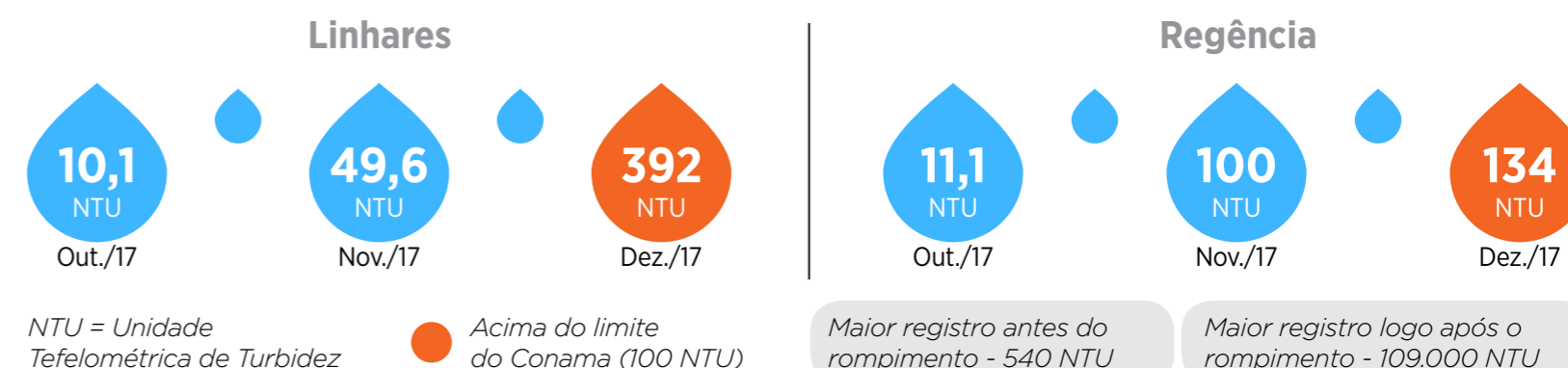
Veja aqui os resultados dos parâmetros observados de outubro a dezembro de 2017, nas estações de Linhares e de Regência. Os dados estão em avaliação pelos órgãos ambientais integrantes do Comitê Interfederativo e foram comparados com referências do Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM) antes e após a passagem da lama no ponto próximo a Baixo Guandu.

Quando ficam acima dos limites estabelecidos pelo Conama, metais pesados e outras impurezas na água podem causar riscos para a saúde de pessoas e animais.

“Alguns parâmetros, como turbidez, coliformes fecais e quantidade de alguns metais, estão acima dos limites estabelecidos pela lei nos meses de novembro e dezembro, quando as chuvas aumentam na região. Essa condição ocorre tipicamente no período chuvoso mesmo antes do rompimento da barragem”, explica Brígida Maioli, engenheira ambiental e especialista do Programa de Monitoramento Hídrico da Fundação Renova.

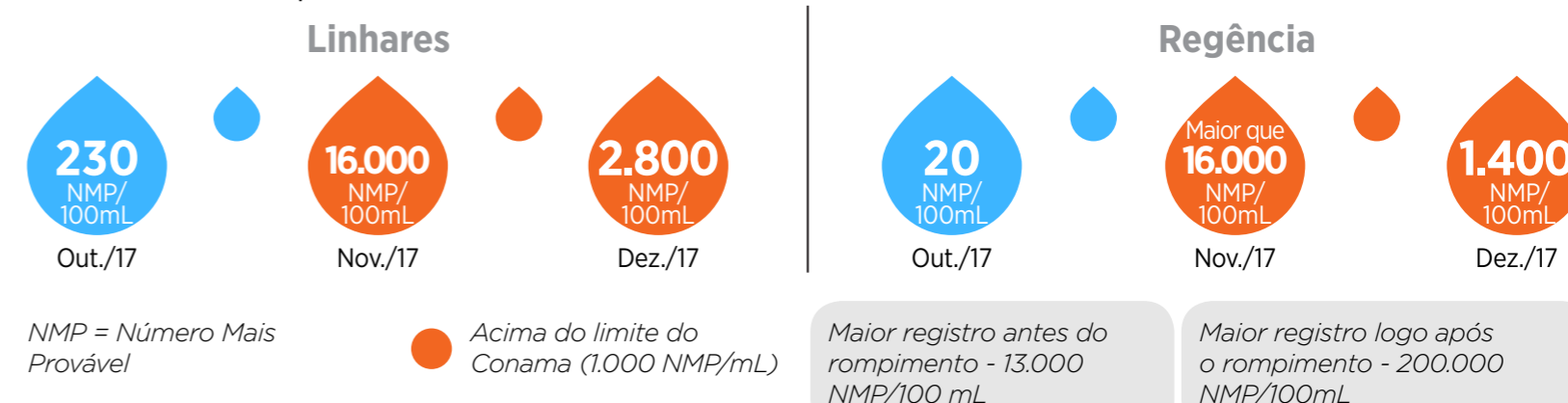
Turbidez

Deixa a água escura, parecendo suja, por causa de resíduos de argila, sílica, matéria de origem animal e vegetal, vidro, metal e plástico. A água turva pode ter micro-organismos prejudiciais à saúde, causando doenças. Em razão das chuvas de dezembro, a turbidez ficou acima dos limites legais, mas abaixo do maior registro anterior ao rompimento.



Coliformes Fecais (E. Coli)

A E. Coli é uma bactéria que fica no intestino. Sua presença em rios indica contaminação por fezes, em geral por causa do despejo de esgoto sem tratamento. O consumo dessa água pode causar gastroenterite, infecção urinária, meningite, dentre outras doenças. A partir de novembro, as chuvas aumentaram os níveis de E. coli nos pontos de coleta em Linhares e Regência. Nesse mês, os valores ficaram acima do maior registro feito pelo IGAM antes do rompimento.



Metais pesados

Estão presentes na água, mesmo que somente partículas deles. Nem todo metal é tóxico. O corpo humano precisa de alguns deles, desde que em pequenas quantidades. É o caso do cobre, que nos ajuda a absorver vitamina C, ou do manganês, que favorece a reprodução e a formação dos ossos. Como o corpo humano não os produz, eles precisam ser adquiridos pelos alimentos ou pela água. Em doses maiores que as necessárias, eles se tornam tóxicos.

De outubro e dezembro, foram observados alguns metais associados à barragem de Fundão e ao solo da Bacia do Rio Doce. Metais podem ser encontrados no solo, nas rochas e nas águas. Minério de ferro, de manganês e bauxita (alumínio) ocorrem naturalmente no solo do Quadrilátero Ferrífero. No Rio Doce, perto do litoral, existe um metal chamado “arsênio”, que compõe as rochas da região.

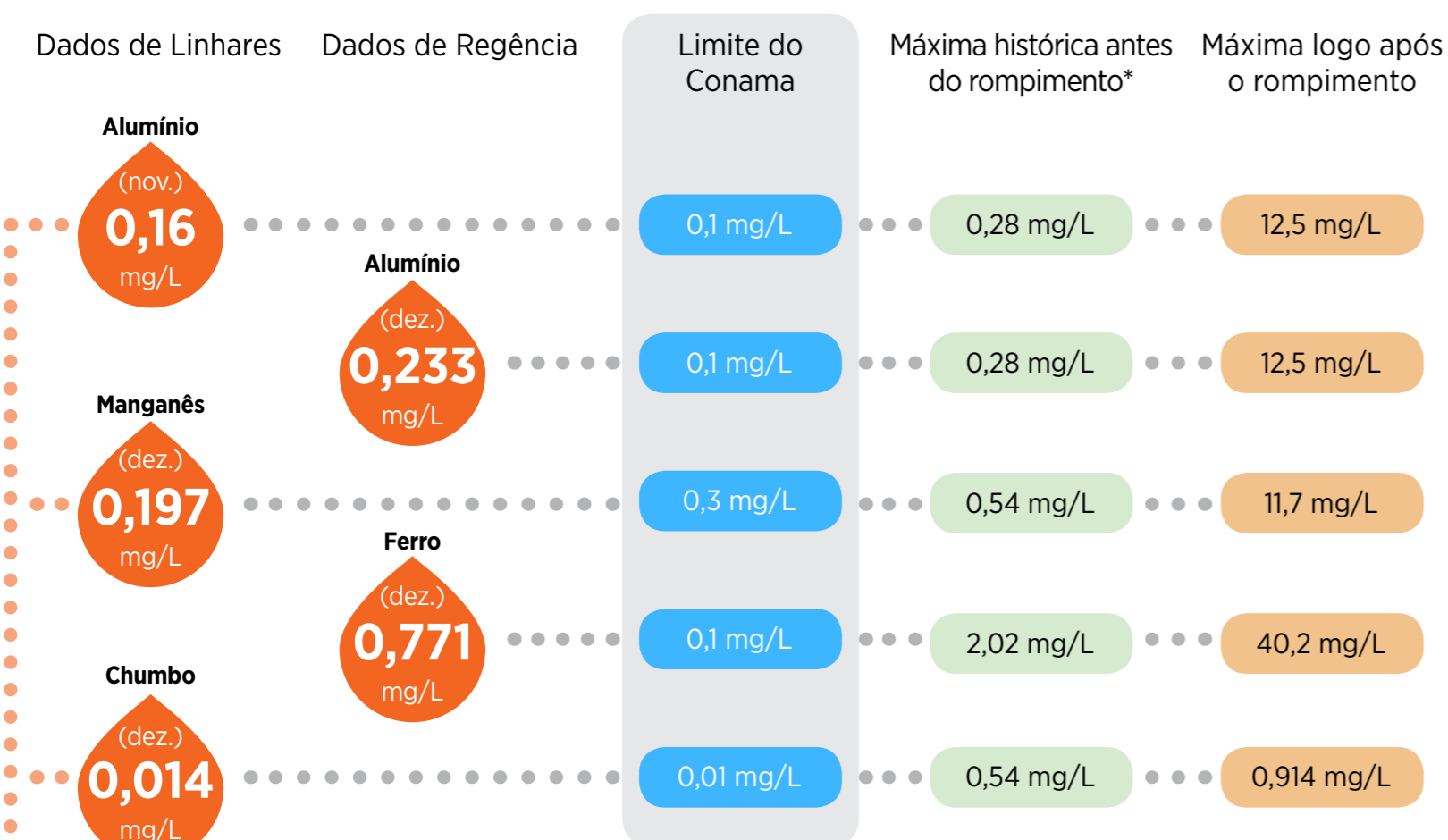
No ponto de coleta em Linhares, os índices de alumínio, em novembro, estavam acima do estabelecido pela legislação e, em dezembro, os de manganês e chumbo. O chumbo é um subproduto da indústria ou de garimpos descartados sem tratamento.

Na Foz, o alumínio e o ferro ficaram acima do permitido somente em dezembro. Mesmo assim, os resultados estão abaixo dos maiores registros feitos pelo IGAM antes do rompimento, próximo a Baixo Guandu.

Metais analisados entre outubro e dezembro

Alumínio | Arsênio | Bário | Boro | Cádmio | Chumbo | Cobre | Cromo | Ferro | Manganês | Mercúrio | Níquel | Zinco

Metais acima dos limites do Conama, mas abaixo da máxima histórica antes do rompimento*.



O dado é referente ao mês indicado entre parênteses. Nos meses que não foram citados, os valores estavam abaixo do limite do Conama.

*Registros feitos pelo IGAM desde 1997 em ponto próximo a Baixo Guandu. No Espírito Santo não existe banco de dados anterior ao rompimento.



Foto: Hyago de Sousa

As amostras de água coletadas são analisadas por 120 parâmetros.

E dá para beber dessa água?

As comunidades atingidas querem saber se podem beber da água do rio, pescar e comer o peixe que retiram do rio e do mar. Também querem saber se podem nadar, surfar, cultivar hortas, pomares, alimentar animais, sem que essa água prejudique a saúde em curto, médio e longo prazo.

A Renova ainda não tem essas respostas. A contratação de estudos sobre a Avaliação de Riscos Ecológicos e a Avaliação de Riscos à Saúde Humana está em andamento. As pesquisas serão longas e vão avaliar cenários complexos, mas poderão ajudar a responder às dúvidas.

Segundo **nota publicada pelo IGAM**, as águas do rio Doce, assim como de outros rios do país, são consideradas como sendo de classe 2. Isso significa que podem ser usadas para abastecer a população somente após tratadas nas Estações, quando se tornam adequadas aos padrões de consumo de água potável do Ministério da Saúde.

“Atualmente, os relatórios da qualidade da água produzidos a partir do monitoramento do IGAM e do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo (IEMA) mostram que,

após o tratamento, as águas do rio Doce tornam-se próprias para o consumo humano”, diz o texto.

Em nota, porém, a analista ambiental do IGAM, Regina Pimenta, reforça que a liberação ou não dos usos da água deve ser avaliada por órgãos públicos municipais e estaduais, bem como entidades responsáveis, como a Secretaria de Estado de Saúde (SES), a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Leia em...



www.bit.ly/aguasriodoce



Fique por dentro

PIM MAIS PRÓXIMO DAS COMUNIDADES

Um movimento diferente tomou conta do Centro Ecológico de Regência e do Centro de Integração Comunitária de Povoação. De dezembro a fevereiro, eles se tornaram postos de atendimento itinerantes do Programa de Indenização Mediada (PIM) para facilitar a participação das comunidades atingidas e acelerar o pagamento das indenizações por danos gerais.

Segundo Juliana Mendes, supervisora dos atendimentos em Povoação, os casos são tratados de forma individual. “Apoiamos as pessoas a conseguirem os documentos necessários, explicando o processo com cuidado e evitando que elas tenham gasto de deslocamento até Linhares. Viemos para receber a comunidade, e ela nos retribuiu com muito carinho”, afirma a supervisora.

A Renova está negociando com os atingidos que se cadastraram até outubro de 2017. Os atendimentos ocorrem apenas com hora marcada e quem faz o agendamento é a própria Fundação, que liga para quem tem direito à indenização e marca data e horário para a reunião. “Sempre que tiver dúvidas, o atingido pode procurar nossos escritórios ou ligar para a Central de Atendimento, no 0800 031 2303”, reforça Juliana.

As propostas são estudadas caso a caso e a negociação é mediada por um profissional independente e imparcial. A participação é voluntária e o atingido pode desistir se quiser. Os pagamentos da primeira fase - que inclui quem se cadastrou até março de 2017 - serão feitos até 31 de março de 2018. Já os da segunda fase, para os cadastrados até outubro de 2017, serão pagos até 29 de junho.

Veja a opinião de quem foi atendido nos postos de Regência e de Povoação:

“Foi uma decepção, pois tenho embarcação e pedem documentos do barco, do motor, coisa que quase ninguém guardava. Agora estamos sofrendo”.

Udson da Silva Ribeiro, de Regência.

“Foi tudo muito esclarecido. Se perguntasse uma, duas, três vezes, as meninas estavam bem-dispostas a explicar. Tratamento excelente e com atenção”.

Abdo Pereira de Almeida, de Povoação.



Foto: Hyago de Souza

Mutirão de atendimento do PIM em Povoação e Regência aconteceu entre dezembro e fevereiro.

“Passei por várias reuniões e me receberam muito bem, com muita educação e agilidade”.

Nildinéia Sampaio Andrade Moura, a Néia de Povoação.

“As mediadoras nos orientaram sobre todos os passos com calma e paciência, mas o processo é lento e burocrático porque precisa de muita investigação”.

Valdiléia de Almeida, nora e representante da Marinete Sampaio Santana, de Regência.

Como somos

ESCOLINHA DE BODYBOARD VOLTA PARA O MAR



Foto: Arquivo pessoal Amazildo de Souza Barros

Turma de bodyboard de Povoação aprende a surfar e a respeitar o mar.

Rapaz, escuta essa: a escolinha de bodyboard do Amaza retomou as atividades em fevereiro! As aulas, que haviam sido suspensas por receio de colocar os alunos em contato com o mar, estão de volta nas manhãs de sábado e de domingo, na praia de Povoação. “Ainda não temos certeza se a água está boa, mas só poderá participar quem tiver autorização dos pais ou responsáveis”, explica Amazildo de Souza Barros, criador da escolinha e professor de educação física.

O bodyboard não é tão fácil como se pensa. O esporte radical, diferente do surfe, consiste em pegar ondas deitado ou ajoelhado em uma prancha de meio corpo. “Eu ia surfar com amigos durante o verão e juntava uma molecada na praia para nos assistir. A gente começou a ensinar e eles se amarraram”, lembra o surfista.

O projeto começou em 2013 e chegou a ter quase 30 participantes. Dois atletas foram formados pela escola, o Fernando (Nanico) e o Abdo, que competiram no estadual em 2014 e inspiraram colegas a praticar o esporte com determinação.

De acordo com o professor, o primeiro e o mais importante ensinamento é observar o mar. “É sentar-se na praia por 10 minutos, ver a ondulação, se a maré está enchendo ou secando”, explica. As crianças aprendem a se posicionar na prancha, a remar e a executar técnicas como o duck dive, para passar pela rebentação, e o drop, para apanhar onda, base de todas as manobras.

Amazildo diz que os resultados vão além da atividade física. “Os moleques saem das ruas, o que diminui o risco das drogas. Aprendem a conviver com as pessoas, a ter respeito pelo outro, pela praia e pelo mar”, explica.

ATENÇÃO:

ESSE PROJETO NÃO RECEBE APOIO DA FUNDAÇÃO RENOVA



ARTESÃOS FORTALECEM GERAÇÃO DE RENDA



Foto: Gláucia Rodrigues

Arte e Pimenta Nativa, de Regência: exemplo de trabalho coletivo.

O bordado e o artesanato, com riqueza de cores, desenhos e produtos, resgatam tradições de povos que ajudaram a construir a cultura brasileira. Na Foz, esses fazeres antigos representam a união. Homens e mulheres dedicam tempo e conhecimento para criar e gerar novas opções de trabalho e renda. Para a costureira Maria Helena Matos, sozinha tudo fica muito difícil. “É com a ajuda de todos que fortalecemos uns aos outros”, diz.

É assim que a Associação dos Artesãos e Assemelhados de Regência e Região (Arte) comemora 10 anos em 2018. A fundadora, Eliá Morais Laurent, pedagoga aposentada e artesã há 28 anos, revelou que criou a Associação para profissionalizar o trabalho na vila e na região.

“Antes, dependíamos do Projeto Tamar para tirar notas fiscais e transportar mercadorias. Depois do registro, aprendemos a caminhar com nossas próprias pernas”, afirma.

A Arte é filantrópica - sem fins lucrativos - e reúne mais de 60 associados de diferentes grupos, que utilizam materiais como madeira, palha de coco, tecido, fibra de bananeira e cerâmica para homenagear o local onde vivem. O resultado é a confecção de casacas, pinturas a óleo, colares, roupas, bonecas e bolsas de pano, além de utensílios domésticos feitos com madeira. Uma peça que faz sucesso é o **chaveiro de pelúcia de tartaruga**, vendido como lembrancinha do Projeto Tamar, de norte a sul do país.

Um dos grupos associados à Arte é o Pimenta Nativa, que nasceu em 2013 de um investimento social da Petrobras. A ideia era formar um coletivo de costureiras de Regência que produzisse roupas com a cara da vila. O recurso só chegou três anos depois e foi utilizado para a compra



Foto: Gláucia Rodrigues

de equipamentos. “Nos preocupamos em adquirir o maquinário e não foi possível comprar tecidos, linhas, agulhas e tesouras”, comenta Luciana Souza de Oliveira, coordenadora do projeto. “Fizemos um pedido de apoio financeiro à Renova, que, embora aprovado, ainda não foi repassado”.

De acordo com Paulo Rocha, líder dos programas de Economia e Inovação, a previsão é de que o recurso seja transferido em março. “Além disso, a licitação para contratar a empresa que vai reformar o galpão do Pimenta Nativa está em andamento. As obras devem começar no primeiro trimestre”, afirma Paulo.

Enquanto o recurso não chega, o Pimenta produz camisetas em parceria com o Tamar, utilizando desenhos que simbolizam Regência. Para Luciana, o grupo se propõe a resgatar a cultura nativa e estimular a geração de renda. “Nós viemos de uma população indígena misturada com negros. Nossos conhecimentos têm a marca da ancestralidade. A lama colocou nosso lado criativo para fora e nos forçou a olhar para nós mesmos, a nos reunirmos em grupos e a entendermos que o conhecimento, somado ao do outro, recria, fortalece e expande”, explica a coordenadora.

Feira Nacional

Integrantes da Arte e do Pimenta Nativa estiveram em terras mineiras, em dezembro de 2017, para representar a arte capixaba na Feira Nacional de Artesanato, realizada no Expominas, em Belo Horizonte. O Alexia de Jesus, grupo de Povoação, foi formado um mês antes de a feira começar e também esteve lá. Cinco bordadeiras do balneário e três de Linhares se uniram para preparar as peças que seriam expostas.

“Foi uma grande pressão levantar os produtos que tínhamos, comprar os materiais que restavam e terminar as costuras. Ficou faltando muita coisa, mas, no final, nascemos da superação”, diz Alessandra Silva Mosca, fundadora do grupo.

O Alexia produz toalhas bordadas, pingentes de cortina, pinturas em caixas de madeira e enxovais de casal e de bebê utilizando, em sua maioria, referências da fauna local, como peixes, tartarugas e estrelas marinhas. A artesã, que possui 15 anos de estrada, diz que essa foi a primeira oportunidade de mostrar seu artesanato para todo o Brasil. “Foi uma troca cultural e de experiências incrível. Você conhece o que o público quer comprar, compara seu produto com o do outro e aprende o que precisa aperfeiçoar. A experiência enriqueceu nosso portfólio e nos deu motivação para continuar”, afirma Alessandra.

A participação dos grupos no evento foi uma ação da Renova para desenvolver atividades econômicas nos locais atingidos pelo rompimento. Os grupos receberam apoio na montagem do estande, na logística e na compra de materiais para a confecção de embalagens.



Alexandra e Rosilene, de Povoação, expõem seus produtos em feira nacional.

Foto: Gláucia Rodrigues



PALAVRAS DE SURFISTA

Os surfistas da Foz do Rio Doce têm amor pelo mar. Seja a trabalho ou por diversão, é dentro d'água que eles se sentem em um segundo lar. O vaivém da maré leva embora as preocupações da vida, traz paz de espírito e acende o entusiasmo em busca da onda perfeita. O Voz da Foz ouviu alguns surfistas, com suas tristezas e percepções a respeito da presença da lama no litoral.

Apoliano Maciel – Povoação

Minha relação com o mar é algo sem explicação. Todos os dias, eu e meus amigos pegávamos altas ondas em Povoação. Depois da lama, as pessoas não podiam cair na água. Ficávamos naquela situação, de estar no quintal de casa e não poder entrar no mar. Muitos estão com o pé atrás até hoje. Eu estou caindo, mas não sei o que vai acontecer comigo daqui a alguns anos. A fissura com o surfe não deixa a gente longe da água.

Foto: Hyago de Souza



Foto: Hyago de Souza

Murilo Forone – Regência

Surfo pelo tubo, e em Regência isso não falta. Espero que nunca falte, mas as ondas estão sem energia. Fico frustrado, pois sempre acreditei no potencial daqui e tinha planos. É triste não saber se a água do lugar que amo é própria para banho, se as futuras gerações vão aproveitar as ondas, o mar e o rio. Espero que os surfistas sejam reconhecidos como atingidos, porque a cultura do surfe é muito forte na vila. A ausência do laudo dificulta, mas a galera cai na água assim mesmo, sem saber o que pode acontecer. Precisamos de um retorno para acabar com essa incerteza.



Isabela Cheida – Regência

O primeiro sentimento é de tristeza pelos atingidos, as crianças que entram na água sem instrução e não têm outra opção de lazer. O segundo é a dúvida. Eu vou ter uma filha. Gostaria de compartilhar com ela a felicidade de entrar no mar. Será que vou ter coragem? O terceiro é a revolta pela injustiça do crime ambiental e a omissão do Poder Público. Revolta por não termos sido reconhecidos desde o princípio. Tendo ou não onda, estamos sempre no mar, em contato direto da água com a pele, entrando pelo nariz, engolindo. No meu caso, é uma questão de trabalho, pois sou instrutora de surfe. Há surfistas profissionais que dependem disso. E como ficamos a cada chuva que traz novamente todo o rejeito?

Foto: Hyago de Souza



Foto: Hyago de Souza

Alexsandro Pratte – Povoação

Gosto tanto do mar que vou à praia duas vezes por dia para ver como ele está. Depois de tudo o que aconteceu, fiquei mais de seis meses sem cair na água. A pesca e o consumo proibidos. Estava receoso. Mas o surfe é minha segunda vida, não tem como tirar isso de mim. Hoje, ficam me perguntando qual a situação da água. Eu digo que não está ruim como na época, mas também não vou falar que está normal. O surfe está esquecido para a Renova. Falta investimento nas nossas escolinhas de surfe e bodyboard, circuitos para movimentar as vilas e criar alternativas de esporte e lazer para a população.



RENOVA ESCLARECE

A Renova compreende a preocupação das pessoas em relação ao mar e esclarece:

- 1** O Poder Público é responsável por autorizar ou proibir o uso das águas no Brasil para qualquer finalidade, incluindo recreação, como em atividades de natação, surfe e mergulho, nas quais há contato direto com a água.
- 2** A Renova não monitora a balneabilidade, palavra que significa se as praias estão liberadas de contaminação por fezes humanas. A balneabilidade é medida em pontos específicos da praia com até um metro de profundidade, nos locais onde há mais banhistas, para saber a quantidade de bactérias nas águas. O monitoramento que a Renova faz na zona costeira verifica a qualidade das águas, medindo o nível de bactérias e de metais pesados em pontos com profundidade de 10 metros. Os resultados mais recentes mostram que a presença de coliformes fecais e de metais pesados nos mares de Regência e de Povoação está abaixo dos limites permitidos pela legislação do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).
- 3** A Renova encomendou duas pesquisas para avaliar riscos à natureza e à saúde humana. O monitoramento de espécies aquáticas do rio Doce começou e os dados parciais estão sendo disponibilizados aos órgãos ambientais. Assim que o estudo estiver concluído, os resultados serão apresentados às comunidades ainda neste ano. No mar, o monitoramento foi estruturado sob orientação dos órgãos ambientais e está em processo de contratação pela Renova. Mas há outras iniciativas, como a avaliação da reprodução dos peixes, uma vez que vários morreram sufocados pela lama, e o monitoramento das tartarugas marinhas, em parceria com o Projeto Tamar.
- 4** Em 2017, a Renova construiu parques públicos infantis e apoiou o Projeto Verão para oferecer alternativas de lazer aos moradores da vila. Neste ano, serão investidos mais de R\$ 300 mil no Circuito de Surfe de Linhares para realizar as etapas em Regência, Povoação e Pontal do Ipiranga. Com o objetivo de incentivar o esporte e qualificar a mão de obra local, haverá um curso para formar árbitros de surfe que podem atuar nesta temporada e em outros campeonatos. As comunidades receberão novas áreas de lazer e esporte em 2018. A Renova planeja reformar o campo de futebol de Regência, incluindo o gramado, e construir, em Povoação, dois campos de grama sintética e uma área para shows e eventos, com palco.

Fale com a gente



0800 031 2303



Av. Presidente Getúlio Vargas, 1.220, Sala 315, Torre A, Centro - Linhares

Rua Lídio de Oliveira, 3, Loja 2 - Regência



[instagram.com/fundacaorenova](https://www.instagram.com/fundacaorenova)



ouvidoria@fundacaorenova.org
faleconosco@fundacaorenova.org



fundacaorenova.org/fale-conosco



[youtube.com/fundacaorenova](https://www.youtube.com/fundacaorenova)